



Do garrafeira ao catador de materiais recicláveis: o (re) surgimento de um sujeito do projeto urbano

Storeroom of the collector of recyclable material garbage pickers:
the (re) birth of a subject of urban design

Rubiamara Passinato¹

Resumo: O destino do lixo é além de um problema ambiental, uma ferida social da contemporaneidade, na qual estão envolvidos os sujeitos catadores de materiais recicláveis. A historicidade desta profissão tem registro inicial no século XX, a partir do modelo consumista de vida, que além do aumento da produção de resíduos marca o crescimento do número de desempregados que passam a encontrar na catação o sustento. A partir desse contexto, o presente estudo tem como objetivo descrever e analisar as diferentes posições–sujeito que podem ser depreendidas no discurso do catador de materiais recicláveis que participa do Projeto “Profissão catador: entre o viver e sobreviver do lixo”, na cidade de Cruz Alta-RS. A reflexão está fundamentada na Análise de Discurso de Linha Francesa (AD), a partir da perspectiva de Pêcheux (1990, 1993, 2009), Pêcheux e Fuchs (1990) e Orlandi (2001, 2010). A metodologia usada na pesquisa é de natureza qualitativa-descritiva, tendo como *corpus* recortes discursivos de cartas avaliativas dos catadores à empresa financiadora do Projeto. Constatou-se após a análise que no universo do catador, há, ao menos, duas formações discursivas que se imbricam e entre as quais o sujeito circula, assumindo posições de sujeito vinculadas ao lixo, ao trabalho, à autonomia e ao meio ambiente.

Palavras-chave: Lixo. Catador de Materiais Recicláveis. Discurso. Formação discursiva. Posições-sujeito.

Abstract: Garbage disposal is an environmental problem as well as a wound contemporaneity, in which the subjects involved are collectors of recyclable materials. The historicity of this profession took place at the beginning of the XX century, due to the consumerist model of life, when the increase of waste production marks the growing number of unemployed people who become professional scavengers, trying out a way of living. From this context, this research work aimed to describe and analyze the different subject-positions which can be inferred in the speech of recyclable material collectors who participate in the project “Scavengers: living and surviving from the garbage”, in the county of Cruz Alta, Rio Grande do Sul State. The reflection is based on the Discourse Analysis of French Line (AD), from the perspective of Peuceux (1990, 1993, 2009), Pecheux and Fuchs (1990), and Orlandi (2001, 2010). The methodology used in the research was of qualitative-descriptive nature, having as corpus discursive framings of evaluative letters sent by the scavengers to the supporting institution of the project. After analysis it was found that in the collector’s universe there are, at least, two discursive formations that overlap and between which circulates the subject, assuming subject positions regarding garbage, work, autonomy and environment.

Keywords: Garbage. Collector of Recyclable Materials. Speech. Discursive Formation. Subject-positions.

¹ Bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF- RS; e-mail: rubiamara@hotmail.com. R. Barão de Rio Branco, 375 - Centro, Casca - RS, 99260-000

1. Introdução

O destino do lixo é além de um problema ambiental, uma ferida social da contemporaneidade. A urbanização intensa e o estilo de vida das pessoas alteraram significativamente a quantidade de resíduos gerados. Ao mesmo tempo houve também um aumento do nível de desemprego em razão das exigências para acesso ao mercado de trabalho.

Surge então um sujeito que anda pelas ruas das cidades e que encontra seu sustento a partir daquilo que o outro descarta: o catador de materiais recicláveis. Homens e mulheres desempregados, com baixa escolaridade, muitas vezes com histórias de vida marcadas pelo preconceito e pela violência.

Diante deste contexto, o presente estudo tem como objetivo descrever e analisar as diferentes posições–sujeito que podem ser depreendidas no discurso do catador de materiais recicláveis que participa do Projeto “Profissão catador: entre o viver e sobreviver do lixo” na cidade de Cruz Alta - RS. Tomamos como questão norteadora a circulação do sujeito catador em duas formações discursivas antagônicas que, a partir disso, assume diferentes posições.

A metodologia utilizada é qualitativa-descritiva, que terá como base a Análise de Discurso de linha francesa filiada a Pêcheux (1990, 1993, 2009), Pêcheux e Fuchs (1990), bem como em Orlandi (2001, 2010).

Além de uma importância social por analisar o discurso do trabalhador que realiza a catação e é quase “invisível” diante da contemporaneidade, a pesquisa também tem sua relevância teórica, já que o sujeito é uma das categorias essenciais dentro da Análise de Discurso.

Nesse sentido, o presente estudo está assim constituído: num primeiro momento a apresentação da Análise de Discurso pecheutiana, posteriormente, os desdobramentos do sujeito nesta disciplina, bem como apontamentos sobre a sua passagem do lugar empírico para o discursivo. Já na terceira seção apresentaremos nosso *corpus*, a metodologia e uma proposta de análise de dois recortes discursivos. Na seção quatro estão as considerações finais.

2. Análise de Discurso: uma disciplina de entremeio

Estabelecida como uma crítica às teorias idealistas, a Análise de Discurso de linha francesa, concebe a linguagem de uma maneira particular, observando a movimentação de sentidos não na língua, mas no discurso e levando em conta o

encontro desta língua com a história. Esta perspectiva analítica surgiu na França, na década de 60, com Michael Pêcheux. Inicialmente denominada como AAD (Análise Automática do Discurso) e, posteriormente AD (Análise de Discurso), passou por épocas distintas, que motivaram algumas renovações em algumas categorias da disciplina.

Segundo Pêcheux e Fuchs (1990), a Análise de Discurso, a partir deste momento também designada neste estudo de AD, está articulada entre três regiões do conhecimento científico: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso. “[...] estas três regiões são atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 163).

É justamente por se articular entre estas áreas do conhecimento, que a AD é considerada uma disciplina de entremeio, que de acordo com Orlandi (2010), não adota o método e o objeto de nenhum destes campos do saber, pois tem objeto e método próprios, tocando os bordos da linguística, da psicanálise e do marxismo.

Orlandi (2010) ressalta que esta disciplina parte do texto, não sob o ponto de vista da textualidade, mas a partir da premissa das palavras em movimento, ou seja, busca compreender a língua fazendo sentido. A analista de discurso comenta que “[...] o texto [...] apresenta início, meio e fim, porém, quando se vê [...] enquanto discurso reinstala-se imediatamente sua incompletude, [...] nem o discurso, nem o sujeito, nem o sentido são completos.” (ORLANDI, 2010, p.22).

Diante disso, recorreremos a Pêcheux (1990) que afirma que o discurso é ao mesmo tempo então estrutura e acontecimento e não há como seccioná-los, pois a estrutura, lugar de um saber já estruturado, permite o emergir do acontecimento.

Acompanhamos desta maneira, que a AD propõe que o texto passe a ser visto como discurso do ponto de vista de seu funcionamento, ou seja, como um objeto simbólico que gera efeitos de sentidos. Este processo é resultante da relação dos sujeitos simbólicos que habitam o discurso e os efeitos se dão porque são sujeitos dentro de certas circunstâncias (contextos) e afetados pelas suas memórias discursivas (histórico-social e ideológico). Emerge a partir disso um conceito que precisamos esclarecer: o de condições de produção.

Segundo Orlandi (2001) as condições de produção são aspectos dos quais um discurso não pode ser visto distante, já que são elas que o definem e incluem o sujeito, a memória discursiva, as relações de força, o interdiscurso, a formação discursiva, entre outras categorias.

[...] as condições de produção [...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental. [...] é o contexto imediato. [...] incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2001, p. 30).

Ousamos então a resumir as condições de produção às circunstâncias da enunciação, ou seja, o aqui e o agora do dito, no contexto imediato e ainda ao contexto sócio-histórico e ideológico. Ambos os sentidos não podem ser separados na situação de linguagem, pois funcionam em conjunto.

Na sequência passamos a discutir algumas das categorias que são definidas pelas condições de produção e que serão importantes para a parcela analítica que pretendemos realizar neste estudo.

2.1. Sujeito e seus desdobramentos no discurso

Uma das principais categorias da Análise de Discurso e que consideramos essencial para a investigação que estamos propondo é o sujeito. A disciplina postula que não existe discurso sem sujeito e, do mesmo modo, que não há sujeito sem ideologia.

A noção de sujeito foi durante muito tempo fragmentada pelos diferentes modelos linguísticos, chegando a ser ignorada por alguns teóricos. Um percurso bastante imprevisível até chegarmos ao modelo projetado pela teoria pecheutiana.

Indursky (2000) comenta que nos estudos de Saussure, os quais dão ênfase à língua, não há espaço para sujeito. Já em Chomsk: “[...] o sujeito é reduzido a uma mera posição estrutural [...] e os estudos linguísticos limitam-se a observar se tal posição está preenchida ou não ou [...] o item lexical é dotado do traço + ou - humano”. (INDURSKY, 2000, p.112,123).

Por último, a autora retoma Benveniste, o qual vê o sujeito no âmbito da pessoal verbal, no tempo e no espaço.

O sujeito para a AD também passou por reformulações. Em sua obra *Semântica e Discurso*, Pêcheux (2009) afirma que o lugar do sujeito em sua tese não é vazio, pois é afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia, sendo preenchido por aquilo que ele designa de forma-sujeito², ou sujeito do saber de uma determinada Formação Discursiva (FD).

² O conceito de forma-sujeito é introduzido por Althusser na obra *Posições I* (1978, p.178), onde ele explica que um indivíduo só pode ser agente de uma prática social se revestir da *forma de sujeito*.

O conceito de FD apresentado por Pêcheux foi tomado de Foucault, com o diferencial de agregar a questão da ideologia. Para a AD, as palavras e as expressões do sujeito mudam de sentido conforme as posições ocupadas por ele, sempre em referência às formações ideológicas. Diante disso, apresentamos a seguir a definição de formação discursiva:

Chamaremos [...] de *formações discursivas* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

Portanto, como já dissemos anteriormente, a noção de FD proposta por Pêcheux corresponde a um domínio de saber, formado por enunciados que designam uma forma de relacionamento com a ideologia e regulando a enunciação do sujeito, ou seja, o que deve e pode dizer.

A formação discursiva implica que consideremos a possibilidade de que as palavras e expressões podem mudar de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra, assim como pode ocorrer o inverso, ou seja, palavras e expressões diferentes, no interior de um FD passam a ter o mesmo sentido. Isto porque o “[...] sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras [...] da mesma formação discursiva.” (PÊCHEUX, 2009, p. 147, 148).

No jogo de relações entre as palavras, há sempre uma memória de sentidos que se repete, a qual Pêcheux (2009) nominou de interdiscurso, ou seja, um “[...] “todo complexo com dominante” das formações discursivas [...]”. (PÊCHEUX, 2009, p.149).

Ampliando a definição pecheutiana, Orlandi (2010) explica que o interdiscurso determina a formação discursiva, pois é próprio da FD dissimular na transparência do sentido, a objetividade material do interdiscurso que a determina. De acordo com a estudiosa, essa objetividade reside no fato de que algo fala sempre antes em outro lugar. Em outras palavras seria um dizer já-dito, que representa o saber, a memória discursiva. Se o interdiscurso representa o conjunto de formulações ditas e esquecidas e está no eixo vertical, é pertinente lembrarmos também o eixo horizontal, do intradiscurso, “[...] que seria o eixo da formulação [...] aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.” (ORLANDI, 2001, p. 33).

Temos que considerar aqui “[...] que é pelo funcionamento do interdiscurso que o sujeito não pode reconhecer sua subordinação-assujeitamento ao Outro [...]”

(ORLANDI, 2010, p. 18), devido ao fato do efeito da transparência que confere a ele a impressão de autonomia, ou, de que ele é a fonte deste dizer. Dizemos então que para que uma palavra tenha sentido em determinada formação discursiva, é necessário que ela já faça sentido antes, “[...] isso é que chamamos de historicidade na análise de discurso [...] efeito de pré-construído [...] sustentando todo o dizer.” (ORLANDI, 2010, p.18).

Compreendemos então, que na Análise de Discurso, a noção de sujeito e de formação discursiva estão imbricadas, pois é por meio da relação de ambas que chegamos ao funcionamento do sujeito no discurso. A respeito disso, Pêcheux (1988) propõe então que “[...] os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso), pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

Cabe aqui ressaltarmos que o termo interpelação usado na conjuntura pecheutiana foi trazido inicialmente por Althusser (1985) na obra *Aparelhos ideológicos do Estado*, na qual propõe que a ideologia interpela os indivíduos em quanto sujeitos concretos, por meio do funcionamento da categoria de sujeito.

A respeito disso, Dorneles (2011) complementa que o Estado, segundo já foi marcado por Althusser, tem seus aparelhos ideológicos e é por eles que “[...] irradia o poder. Neles concentra força para controlar a ordem social necessária aos interesses do grupo dominante.” (DORNELES, 2011, p. 37).

Entendemos então, que na perspectiva da AD, não há como visualizar o sujeito e o sentido, sem pensar na ideologia, já que é pelo funcionamento ideológico que o indivíduo se constitui em sujeito e, a partir disso, imaginariamente passa a se identificar com a forma-sujeito de uma FD.

Há, segundo Indursky (2008), na ideologia as propriedades da diferença e da divisão. A formação discursiva também apresenta um processo contraditório, e assim como a ideologia que não é idêntica a si mesma, a FD é, concomitantemente, idêntica e dividida. Esta divisão, de acordo com a autora, que deixa a formação discursiva porosa, permite que saberes provenientes de outras formações se apresentem.

Assim, de acordo com Indursky (2008), se FD é dividida, conforme explicamos acima, a forma-sujeito também é heterogênea em si mesma, ou seja, tem espaço para ambiguidade e a diferença em seu interior. “Só assim é possível pensar em uma formação discursiva heterogênea que continua comportando um sujeito histórico como

um sujeito dividido entre as diferentes posições sujeito que sua interpelação ideológica lhe faculta [...]. (INDURSKY, 2008, p. 82, 83).

Chegamos então à posição-sujeito da Análise de Discurso, que para Pêcheux (1995), é a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito).

Neste ponto, é necessário recorrermos a Courtine (1982), que retoma as reflexões de Pêcheux acerca da forma-sujeito e, por sua vez, da posição-sujeito, propondo que a mesma se dá pelo funcionamento polêmico do discurso, no qual o sujeito universal (do saber) é interpelado pelo sujeito ideológico e, ao mesmo tempo em que se identifica com o sujeito que enuncia, assume uma determinada posição.

Desse modo, como já apresentamos, discutir sujeito é dar margem ao sócio-histórico e ao ideológico, considerando sempre que o lugar que ele ocupa na sociedade influencia diretamente naquilo que ele diz.

Na sequência do estudo abordaremos o sujeito a partir de uma discussão acerca do momento em que se inscreve em uma determinada formação discursiva e passa ao lugar discursivo. Entendemos que na prática essa divisão não acontece, mas optamos por isso apenas por uma questão de organização conceitual.

2.2. Sujeito: da situação empírica ao lugar discursivo

Diante da afirmação de que o lugar social do sujeito influencia diretamente naquilo que ele enuncia, não há como abordarmos o sujeito e as posições que ele pode ocupar no discurso, sem mencionar sua relação com o mundo, já que ele se projeta de uma situação social, aquela que ocupa no mundo, para dentro do discurso.

Orlandi (1999) propõe que “[...] o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso [...]” (ORLANDI, 1999, p. 17). Ainda dentro desta perspectiva, salienta que a materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos, e, neste instante, a resistência destes constitui outras posições que materializam outros lugares.

Ao se identificar com determinados saberes, e se inscrever em uma dada formação discursiva, o sujeito passa de empírico para discursivo.

Na passagem para o espaço teórico, [...] para o espaço discursivo, o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social e ideológica, que está afetada pelas relações de poder, vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica. (GRIGOLETTO, 2005, p. 158).

Sobre a noção de lugar na óptica discursiva, Grigoletto (2005) afirma que não devemos pensá-la no sentido empírico, mas sim no âmbito do efeito das práticas sociais e discursivas, já que é pela relação do sujeito com a língua que são construídos os lugares discursivos. A autora menciona que o processo discursivo, ou seja, a discursivização, só acontece pela existência de uma determinação social que, como já dissemos, institui determinados lugares, que podem ser ocupados por sujeitos.

Recorremos, neste momento, a Foucault (1997), que na obra *Arqueologia do saber* usa como exemplo o discurso médico para contextualizar as imposições institucionais e normativas que regulam a emergência deste discurso. Desse modo o lugar social de médico lhe legitima a ocupar certas posições no discurso.

A partir do que ressalta Foucault (1997) constatamos que o lugar social então é uma espécie de ponto de ancoragem para a prática discursiva não aponta, assim, para a relação de qualquer discurso a uma unidade de sujeito homogênea, contínua, representada por um lugar social único. São então “[...] diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que o sujeito pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala [...]” (FOUCAULT, 1997, p. 61).

Ainda na perspectiva de Foucault (1997), observamos que os lugares e posições são construídas no interior de uma determinada formação social.

Depreendemos então desta conjuntura exposta que a formação social está no espaço empírico, abrigando diferentes formações ideológicas, que interagem com as relações de poder institucionais, determinando, desta maneira, o lugar social que o sujeito ocupa na sociedade.

Grigoletto (2005) comenta que o sujeito do discurso, ao mesmo tempo em que ele é interpelado/assujeitado ideologicamente pela formação social, se inscreve e pode ocupar um dos lugares sociais que lhe foi determinado. É este o espaço do empírico, de uma determinada formação social e ideológica, conforme a autora, que o sujeito é afetado pelas relações de poder e que determina o lugar discursivo, por meio do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica.

Ainda de acordo com Grigoletto (2005) é possível dizer que o lugar discursivo está no entremeio do lugar social, da forma e da posição-sujeito. “Portanto, ele não é sinônimo de posição, já que pode abrigar, no seu interior, diferentes e até contraditórias posições de sujeito.” (GRIGOLETTO, 2005, p.160).

Dessa maneira, quando o sujeito se inscreve em um determinado lugar discursivo passa a se relacionar tanto com a forma-sujeito histórica e os saberes contidos nela quanto com a posição-sujeito. Salientamos que a relação entre o sujeito enunciador com o sujeito do saber, que está diretamente ligada à posição-sujeito, é deslocada para as relações de identificação/determinação do lugar discursivo tanto com a forma-sujeito histórica (ordem da constituição/do interdiscurso), quanto com a posição-sujeito (ordem da formulação/do intradiscurso).

Destacamos ao encerrar esta seção que o empírico e o espaço discursivo não devem e não podem ser estudados de forma fragmentada já que ambos estão imbricados e não é possível estudar a posição do sujeito dentro do discurso sem olhar de onde veio o indivíduo.

A seguir passamos ao momento analítico deste estudo. Inicialmente apresentamos o corpus e suas condições de produção, depois metodologia de análise e, encerrando, a análise.

3. A Análise de Discurso na materialidade linguística

3.1. O *corpus* e suas condições de produção

Como já anunciamos em nossa introdução, o *corpus* que será usado como monumento para a análise é o discurso dos catadores de materiais recicláveis que integram o projeto “Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo”, da cidade de Cruz Alta – RS. A iniciativa é financiada pelo Programa Desenvolvimento e Cidadania da Petrobras e executada por professores e colaboradores da Universidade de Cruz Alta, numa parceria com a Prefeitura Municipal.

Segundo a coordenação, desde que o Projeto iniciou, em 2011, as atividades compreendem ações de formação política, capacitação para o trabalho, acompanhamento do processo auto-organizativo e campanhas de educação ambiental. As atividades de capacitação para o trabalho ocorrem por meio da realização de oficinas sobre: gestão, produção, cidadania e comunicação. Os catadores também são acompanhados diariamente nas associações, no sentido de garantir o andamento do Projeto e de encaminhar da melhor maneira a negociação do material coletado e separado por esses sujeitos.

A materialidade discursiva que vamos analisar é composta então de duas cartas produzidas pelos catadores, que integram as associações organizadas pelo Projeto. As mesmas foram escritas pelos catadores para serem apresentadas para a Petrobras como

parte de um sistema de monitoramento e avaliação do projeto que é realizado e encaminhado para a financiadora a cada três meses.

Apresentamos na sequência desta seção, a metodologia que será utilizada para a análise.

3.2. A metodologia: entrelaçamento do método teórico com a subjetividade do analista

A Análise de Discurso pecheutiana trabalha sobre a premissa de que a materialidade linguística não é transparente, se constituindo de uma superfície porosa. Sendo assim há a necessidade da construção de dispositivos para acessarmos ela, no sentido de penetrar no discurso, trabalhando a espessura linguístico-histórica, ou seja, a discursividade.

Ao abordar os dispositivos de interpretação, Orlandi (2010) ressalta que há dois tipos na AD: o dispositivo teórico da interpretação e o dispositivo analítico da interpretação. O dispositivo teórico é formado pelas noções e conceitos que constituem os princípios da análise de discurso, orienta o dispositivo analítico, visto que faz o “[...] deslocamento de uma leitura tradicional para uma leitura que chamamos sintomática [...]” (ORLANDI, 2010, p.26). Já o dispositivo analítico, de acordo com a autora, é a parcela que cada analista constrói para a análise específica do material linguístico.

Ainda a respeito dos dispositivos de análise, Orlandi (2010) afirma que o que se espera da parcela teórica é que ela produza um deslocamento que permita ao analista trabalhar as fronteiras das formações discursivas, entrando em uma relação crítica com o complexo das formações. Quanto ao dispositivo analítico ela lembra que o mesmo “[...] deve oferecer procedimentos (paráfrase, substituição, etc.) para que ele possa explicitar isso.” (ORLANDI, 2010, p. 26).

Assim, diante do que abordamos, o dispositivo analítico deste estudo será o seguinte: a) passagem da superfície linguística para objeto discurso – análise superficial, também chamada de de-superficialização; b) marcação de pistas linguístico-discursivas nos recortes discursivos que podem revelar as posições do sujeito; c) análise das posições-sujeito e da circulação do catador pelas formações discursivas.

3.3. Análise

Conforme registramos, submeteremos à análise duas sequências discursivas³ (SD) retiradas de cartas avaliativas dos catadores de materiais recicláveis.

É importante, antes do processo analítico, pontuar a respeito do surgimento do sujeito catador que veio com o despertar do processo de industrialização, no começo do século XX, quando “[...] o ‘garrafeiro’, figura respeitada nos bairros e vilas das cidades, foi desaparecendo ao longo do tempo e dando lugar ao catador que, por sua vez, recolhe os resíduos recicláveis de diferentes locais [...]” (PINHEL, 2013, p.15).

Segundo Pinhel (2013), no decorrer do século XX, houve uma mudança no perfil desse trabalhador, acarretada pelo crescimento das cidades e pelo modelo consumista que passou a imperar na sociedade, resultando no aumento da quantidade de resíduos gerados. Ao mesmo tempo, o autor lembra que cresceu também o número de desempregados devido às exigências para acesso ao mercado de trabalho, que restringiram as possibilidades de sobrevivência para importantes contingentes sociais.

Neste panorama marcado pelo aumento do consumismo, além do papel e da sucata, Pinhel (2013) comenta ainda que um outro tipo de material começou a tomar conta do mercado: o produto descartável (embalagens). Isso trouxe um aumento do número dos catadores nas ruas, que muitas vezes trabalham em péssimas condições, de forma solitária e isolada, e não conseguem bons preços para seus resíduos.

Surgem então, de acordo com Pinhel (2013), a partir da década de 1990, as campanhas de coleta seletiva e inclusão de catadores, principalmente em razão de políticas e ações no gerenciamento de resíduos apoiadas por governos, organizações não governamentais, instituições sociais, incubadoras etc. Emergem aí alternativas para fortalecer os catadores e deixá-los mais independentes, como organização em cooperativas ou associações.

É vinculado a este contexto que está o sujeito enunciador das sequências discursivas (SD) que analisaremos.

Conforme Dorneles (2011), no caso desse sujeito catador da atualidade o ofício é perpassado por interesses que convergem para três interdiscursos dominantes, marcados pelo econômico, o social e o ambiental. A autora afirma que ao menos duas formações discursivas (FD) operam na constituição dos sentidos.

³ Optamos por preservar nos recortes a materialidade linguística exatamente como foi apresentada, não modificamos, portanto, as questões gramaticais, que não são o objeto de análise deste estudo, mas que para a AD podem representar pistas para a análise.

Denominaremos as duas FDs mencionadas por Dorneles (2011) como FD capitalista (FDC) e a FD modo social de produção (FDMSP). Cabe aqui destacarmos que a FD não é algo delimitado, pois ela é construída a partir do gesto de interpretação do analista, ou seja, como princípio de uma organização metodológica.

A FDC leva em conta o surgimento do ofício da catação como meio para angariar recursos à sobrevivência dos indivíduos, no modelo mais ilustrativo de troca do trabalho pelo salário. Assim, o empregador compra a força do trabalho ou a capacidade de trabalho desse empregado, através do regime de assalariamento. É um modelo em que a comercialização dos resíduos catados é feita fora da cooperativa, apenas para atender a interesses econômicos individualizados.

Já FDMSP tem seu ponto de partida na organização dos catadores em associações, num modelo autogestionário como é o caso dos sujeitos que integram o Projeto “Profissão Catador: entre o sobreviver do lixo”. Eles passaram a unir forças por meio da associação, que tem, segundo Pinhel (2013), por finalidade a promoção de assistência social, educacional, cultural, a representação política e a defesa de interesses de classes[...]” (PINHEL, 2013, p.20) e isso trouxe o conseqüente empoderamento em especial das mulheres, que são a maioria nas associações do “Profissão Catador” .

Nesse sentido é diante do imbricamento destas duas FDs que o sujeito catador está inscrito. De um lado há o interdiscurso da catação como meio para a sobrevivência, essencialmente como moeda de troca e, de outro, a perspectiva da autonomia não apenas financeira, mas efetivamente na constituição do sujeito de uma sociedade, em questões como a auto estima, cultura, saúde, meio ambiente, entre outros.

Lembramos que a FD para AD não é fechada e, portanto, como afirma Pêcheux (1993), é invadida por elementos que vêm de outros lugares, sob a forma de pré-construídos e discursos transversos. Então uma formação discursiva se inscreve entre diversas outras FDs e as fronteiras são movediças já que se deslocam conforme os jogos de luta ideológica de classes.

Pêcheux (2009) não concebe a FD sem ideologia. O mesmo autor em consórcio com Fuchs (1993) explica que a região da ideologia deve ser caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica. Assim, o funcionamento da instância ideológica, no sentido da reprodução das relações de produção, é o que a AD convencionou de interpelação, ou seja, o sujeito desde sempre sujeito, interpelado como sujeito ideológico, “[...] de tal modo que cada um seja

conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade [...]” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, P. 166).

Feitas essas considerações, passamos à primeira sequência discursiva (SD), que segue abaixo:

SD 1- Petrobras é muito importante para nós porque antes da Petrobras chegar para *nós não era respeitado*. Nós se sentia *um animal mexendo no lixo*. A pessoa virava o rosto para os catadores e *hoje* com a Petrobras nos semo respeitado por todos, *semos tratados como trabalhadores*. A nossa renda é onesta. A Petrobras é *o melhor projeto que aconteceu* para nós. Esperamo *que não abandone* nós catadores. Desculpe pelo erro eu *sei pouco escrever*.

Nesta sequência, o sujeito catador enuncia a importância da empresa financiadora no projeto, mencionando sobre as mudanças que o “Profissão Catador” trouxe tanto no sentido da renda, quanto também a respeito de como a sociedade passou a olha-lo após sua inserção no projeto. Há, no dizer deste sujeito, uma ordem cronológica, a partir da qual ele constrói o antes e depois.

Partimos dos enunciados *nós não era respeitado* e *um animal mexendo no lixo*, a partir dos quais o catador ocupa um lugar discursivo ao qual chamaremos de posição-sujeito do lixo (PSL). É evocado aqui o conceito de formação imaginária (FI), já que o catador remete à visão da sociedade diante do seu trabalho. De acordo com Pêcheux (2009), a FI está ligada à representação que os sujeitos têm dos outros sujeitos, são mecanismos de funcionamento discursivo, que não estão relacionados ao físico ou ao lugar empírico, mas às imagens resultantes de suas projeções. Neste caso a maneira que o imaginário da sociedade o percebe, como marginalizado, excluído social e culturalmente, que encontra o seu sustento naquilo que o outro considera lixo.

A essência da PSL está naquilo que já foi dito, inscrito no interdiscurso e silenciado a respeito do lixo e o catador, ou seja, segundo Pêcheux (2009) uma memória discursiva que evoca aquilo que fala antes, de outro lugar, disponibilizando, segundo Orlandi (2001), dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. Cabe aqui lembrarmos que para Pêcheux (2009), a memória discursiva é o efeito do interdiscurso no intradiscurso.

Retomando o enunciado *um animal mexendo no lixo* faz ecoar então uma rede de já-ditos em relação ao lixo e ao catador, principalmente se recorrermos à história, já que conforme Pinhel (2013), o “ser catador” tem fortes vínculos com níveis extremos de pobreza e com a busca de materiais em sacos de lixo na rua ou nos lixões, ação que

também é feita por cães e gatos que habitam a rua. Surge daí uma pista para enunciação do *animal mexendo no lixo*, que aponta para o ser que como um animal remexe o lixo em frente às casas daqueles que o produzem colocando em desordem. Esta descrição que trouxemos é apenas um já-dito que constitui o interdiscurso. Contudo, existem certamente, outros dizeres que podem ser evocados por meio da memória discursiva que têm relação com o fragmento.

O segundo enunciado que tomamos para análise é *hoje [...] semos tratados como trabalhadores*. Emerge aí a posição-sujeito que vamos chamar de trabalhador. Há aqui uma resignificação no sentido da palavra lixo, que no enunciado anterior remetia ao animal e ao excluído e desempregado, já na constituição da posição-sujeito trabalhador (PST), passa a ser o objeto de trabalho do catador. Neste enunciado o lixo não é mais visto como sinônimo de restos, coisas sem valor, mas ao contrário, passa a representar coisas aproveitáveis e que dão o sustento e garantem a possibilidade ao catador de se constituir como trabalhador.

Destacamos que não foi somente a maneira como a sociedade vê estes sujeitos que mudou, mas também perante à legislação trabalhista, que passou a elencar entre as profissões a de catador de materiais recicláveis. Segundo Pinhel (2013) a partir da capacidade de articulação, os catadores participaram do debate da Política Nacional de Resíduos Sólidos, que os aponta como parceiros preferenciais na gestão dos resíduos, conquistando o reconhecimento como categoria profissional na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). “A classificação foi disponibilizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego em 2002. O catador de material reciclável possui o número 5192-05 como código.” (PINHEL, 2013, p. 27).

Também verificamos neste segundo enunciado a marcação da cronologia com a palavra *hoje*, a partir da qual percebemos uma tentativa do próprio catador de salientar pela língua o fato de não ser mais visto como um animal que busca materiais no lixo ou nos lixões, mas que *hoje* passa a ser tratado como um trabalhador, que inclusive tem compromissos com a gestão dos resíduos sólidos.

Tomamos agora o enunciado *melhor projeto que aconteceu [...] que não abandone*. O presente fragmento discursivo constitui a posição-sujeito que daremos o nome de subautônomo (PSS). Há aqui uma demonstração de fragilidade deste sujeito, que apesar de já ser considerado como trabalhador pela CBO, e relatar que *hoje* é tratado como trabalhador, ainda teme pelo abandono da empresa financiadora. Fala neste momento o interdiscurso relativo ao catador, que passou de condição de *animal*

mexendo no lixo e, portanto marginalizado, para um lugar de trabalhador, citado inclusive pela Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS)⁴, como um colaborador.

A respeito disso, Dorneles (2011) comenta que a perspectiva de geração de trabalho e renda a esses catadores com a PNRS não os tira da condição da condição de subtrabalho, pois muitos revolvem o lixo em busca da sustentabilidade econômica. “É um resto que sobra e que alguém tem de limpar.” (DORNELES, 2011, p. 45).

O interdiscurso que constitui o sujeito catador como marginalizado também está presente no enunciado *sei poco escrever*, onde assume a posição-sujeito analfabeto (PSA), retomando a memória discursiva a respeito do indivíduo que vive mexendo no lixo e não sabe ler e escrever, portanto frágil como usuário da língua. É o já-dito sobre o catador e que ecoa mesmo quando este sujeito está inscrito aparentemente na FDMSP.

A segunda sequência discursiva que recortamos está explícita abaixo:

SD 2- *Antes do galpão* vir até nós *tínhamos uma vida razoável. Hoje* nós temos vários benefícios, como *aprendemos a melhorar nossa responsabilidade uns com os outros e com o meio ambiente*. Mas melhor foi conhecer as pessoas que nos ensinão melhorar a cada dia mais, como classificar o lixo e também *tomar nosas próprias atitudes, vivendo do lixo e também convivendo com diferente classe*. Assim nos daremos melhores na vida. Os nosos filho ensinando a trabalhar e a respeitar as pessoas e o meio ambiente. Mas também somos gratos ao projeto que nos ensinam a trabalha nas maquinas e *somo unido por uma razão de podermo nos orgulhar de nós mesmo*. Oje gostaria de *poder que se nós foce mais unido* nós conseguiria mais do que nós imaginamos, nós não podemos parar porque *o sonho continua*

Na SD2 acompanhamos um sujeito que segue circulando pela FDC e pela FDMSP. Ele assume no discurso o panorama de mudança que se instalou na sua vida após a inserção no Projeto “Profissão Catador” e mostra a mudança, comentando sobre aquilo que aprendeu quanto às questões de responsabilidade do trabalho em associação, bem como do seu papel como protetor do meio ambiente. Há ainda explícita a divisão de classes, pois o catador relata se sentir a partir de *hoje* autorizado a conviver com diferentes classes, ou seja, antes não podia e agora pode. Contudo ainda admite estar em uma posição desfavorável perante os demais. O trabalhador também traz presente nesta sequência discursiva a questão da união, do cooperativismo, se encaminhando para uma nova posição, a posição-sujeito cooperativado e ambientalista (PSCA).

⁴ A Política Nacional de Resíduos Sólidos foi instituída pela Lei 12.305 de 2010 e obriga que as prefeituras tenham em funcionamento nos municípios coleta seletiva e destinação adequada de todos os resíduos até 2014.

A PSCA está explícita no enunciado *Antes do galpão [...] tínhamos uma vida razoável. Hoje [...] aprendemos a melhorar nossa responsabilidade uns com os outros e com o meio ambiente*, no qual o sujeito expressa a coletividade, ou seja, a presença do outro catador na sua atividade, bem como da questão do meio ambiente. É o surgimento de um discurso marcado pelos conhecimentos que aprendeu nas oficinas do Projeto “Profissão Catador”, tanto no que tange ao aspecto da organização desses sujeitos em associação, unidos pelos mesmos propósitos, quanto pela tarefa que lhes foi designada: de serem “cuidadores” e responsáveis pelo meio ambiente. Passam a ter então, perante a comunidade uma importância ambiental.

Em *tomar nosas próprias atitudes, vivendo do lixo e também convivendo com diferente classe* de um lado o sujeito expressa sua autonomia, de poder autogerir sua vida e seus negócios, ocupando a posição-sujeito autônomo. Já de outro, há retomada da posição-sujeito subautônomo (PSS), evocando um interdiscurso que traz já-ditos a respeito da historicidade do ofício da catação, quanto à condição de subordinação, de viver dos restos e de limpar o que os outros sujam. Ele admite no seu discurso a fragmentação da sociedade em classes sociais e, mesmo em um lugar discursivo de trabalhador, ainda se considera inferior a outros indivíduos, assumindo então a PSS, mesmo sem se dar conta disso, pois ele não controla os sentidos do seu dizer. Assim podemos dizer que um sujeito nunca rompe definitivamente com um determinada FD, pois mesmo inscrito na PSMPS ele ainda circula pela FDC.

E, por último, no enunciado *somo unido por uma razão de podermo nos orgulhar de nós [...] poder que se nós foce mais unido[...] nós não podemos parar porque o sonho continua* o catador ocupa a posição-sujeito associado (PSA), marcada no discurso pelo coletivo, *somo* (nós), *nós* (todos). Esta indicação também é explicitada em outros fragmentos desta SD 2, comprovando que o indivíduo se inscreve a todo momento na coletividade, que implica na FDMSP.

Nesta FD do modo social de produção que é habitada por formações ideológicas que remetem à autogestão e à cooperação, acompanhamos uma reconciliação entre o trabalhador e as forças produtivas que ele detém e utiliza. A relação não é mais de separação do catador do produto do seu trabalho, agora sob seu domínio. O sujeito recupera as condições necessárias, mesmo se não suficientes para uma experiência integral de vida laboral e ascende a um novo patamar de satisfação, de atendimento a aspirações não apenas materiais ou monetárias.

4. Considerações finais

Nesse sentido, como constatamos os discursos que circulam em torno do catador de materiais recicláveis envolvem muitos sentidos. O dizer desse sujeito acontece ao menos em torno de duas FDs: uma ligada ao sistema capitalista, responsável pelo surgimento do ofício da catação que marginalizou esse indivíduo e outra proposta apresentada aos catadores da organização em associações.

O imbricamento destas duas FDs implica diretamente nas posições assumidas pelos sujeitos nas sequências discursivas analisadas.

Verificamos que antes de integrar o Projeto “Profissão Catador: entre o viver e sobreviver do lixo”, o sujeito estava inscrito na formação discursiva capitalista (FDC), na qual pelo seu discurso depreendemos a posição-sujeito lixo, pois a catação tinha exclusivamente o objetivo de levantar recursos para o sustento e seguia um modelo individualizado.

Ao ingressar no Projeto este indivíduo passa a circular também na formação discursiva modo social de produção (FDMSP). Então, a partir desse momento, o que define as posições que o catador passa assumir são os conhecimentos que ele tem acesso nas oficinas de formação continuada, que abordam além da importância da união e da coletividade, temas como gestão, produção, cidadania, meio ambiente e comunicação. Entre as posições que depreendemos estão a posição-sujeito trabalhador, na qual ele assume a catação como ofício que lhe garante a aceitação na sociedade como trabalhador; a posição-sujeito cooperativado e ambientalista, quando o catador explicita no seu dizer o que aprendeu no Projeto e a posição-sujeito associado, na qual assume a coletividade do modelo de produção social.

Já a partir da posição-sujeito subautônomo e analfabeto chegamos a conclusão que mesmo quando o catador passa a se inscrever em outra FD, ele nunca rompe definitivamente com a sua formação discursiva inicial, visto que ao enunciar estes dois discursos ele já estava inscrito na FDMSP, contudo seu dizer ainda contém interdiscurso do modelo capitalista.

E importante ainda registrarmos antes do fechamento do trabalho, que além de diferentes posições-sujeito, as sequências discursivas analisadas apontam para a resignificação do lixo, pois ele passa de condição para a marginalização do sujeito catador para um outro momento, no qual é o ponto para a efetiva autonomia do indivíduo.

Referências:

- ALTHUSSER, Louis. *Posições I*. Rio de Janeiro: Graal, 1978, P. 178.
- _____. (1918). *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- COURTINE, J.-J. *Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours*. Philosophiques, vol. IX, número 2, octobre, 1982.
- DORNELES, E. Discurso sobre a língua e a constituição da língua da escola. In: SCHONS, C. R.; CAZARIN, E. A. Língua, escola e mídia: en(tre)laçando teorias, conceitos e metodologias (orgs.). Passo Fundo-RS: Universidade de Passo Fundo, 2011, p. 34-47.
- FOUCAULT, M. (1969). *A arqueologia do saber*. Trad. brasileira de Luiz Felipe Baeta Neves. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito. In: *Seminário de Estudos em Análise do Discurso UFRGS*, 2005, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 154-164. Disponível em: <www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/.../EvandraGrigoletto.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2013.
- INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: A trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R.L. *Análise do Discurso*: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Paulo: Pedro e João Editores, 2007.
- ORLANDI, E. *Do sujeito na história e no simbólico*. Escritos n° 4. Campinas, SP: Laboratório de Estudos Urbanos – Nudecru, maio, 1999, p. 17-27.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*. Princípios & Procedimentos. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 2001.
- _____. *Análise de Discurso*. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. *Discurso e Textualidade*. 2. ed. Campinas- SP: Pontes, 2010.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas - São Paulo: Unicamp, 1993, p.163-254.
- PÊCHEUX, M. *O discurso estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- _____. *Análise do discurso: três épocas*. Tradução de Jonas Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas - São Paulo: Unicamp, 1993, p. 311-318.
- _____. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- PINHEL, J. R. O catador de materiais recicláveis. In: _____ (org.). *Do lixo à cidadania*. Guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis. São Paulo: Peirópolis, 2013, p.16-30. Disponível em: <<http://recicloteca.org.br/blog/index.php/2013/09/10/do-lixo-a-cidadania-guia-para-formacao-de-cooperativas-de-catadores-de-materiais-reciclaveis/>>. Acesso: 15 set. 2013

Data de Recebimento: 01/04/2013

Data de Aprovação: 10/04/2015

Para citar essa obra:

PASSINATTO, R. Do garrafeira ao catador de materiais recicláveis: o (re) surgimento de um sujeito do projeto urbano. In: **RUA** [online]. n°. 21. Volume 2, p. 303 – 321. ISSN 1413-2109. Junho/2015. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: OMENA C. R. C. **Da série, injustiças sociais.** Disponível:
<http://www.flickr.com/photos/10015563@N03/11972679595>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COCEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>